



Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

377
H. 3. C. 28

A Sentinella
de ~~_____~~ Mulheres.

Instituto Politécnico de Lisboa
Comedia em 2 actos
imitação do Vaudeville
La Jarretière
Escola Superior de Cinema

por
Augusto Soares Franco

Personagens

Calvino	(Proprietario)
Gustavo	(Seu Sobrinho)
Ignacio	(Logista)
Suranna	(Costureira)

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto 1º

Um quarto d'estudante com a mobilia indicada — uma mesa velha, tres cadeiras de pau, alguns livros, alguns cachimbos, um descalcador, uma corneta de caca pendurada, e tudo quanto entenderem que não é de mais n'uma casa d'estudante. — Uma porta á esquerda que dá para um gabinete, outra á direita ao fundo porta d'entrada. Em cima da mesa uma poncheira e copos.

Scena 1ª

Gustavo só —

Ao levantar do panno Gustavo está á porta do fundo, fecha-a e vem para a scena.

Gustavo

Que desarranjo... não admira... uma noite d'orgia completa. Foi a ultima passada aqui. (assenta-se n'uma cadeira á janota, isto é a cavallo). Tocaba hoje... praxe patib... mas ainda me não puseram fora, e eu não saio, o praxe ha-de ser prorogado. (batem á porta, elle responde sem se voltar.) Entie. (Ignacio entreabre a porta do fundo, deita a cabeça de fora)

Scena 2ª

Gustavo e Ignacio

Ignacio

Sou eu. (chamando) Echt. (Gustavo não se volta) Olhe que os bregeiros já passaram duas vezes por a minha loja, tudo pela madama Ignacia (disce e vem ao pé de Gustavo) juro-lhe

que a minha Lumira hade ser vingada! (com
colera) Lumira, a minha sensivel esposa ha-
de vingar-se tambem, e eu hei-de ser em tudo
isto um barba-rosa.

Gustavo (levantando-se)
Ah! e' vocemecê, então o que lhe fixeram.

Ignacio

Não sabe porque estou assim, não sabe...?
Os seus amigos, são uns bellos amigos... são
seus amigos... enfim, basta.

Gustavo

É o amigo Ignacio vem incommodar-me por
causa dos meus amigos.

Ignacio

É uma bonita sociedade, pôde limpar as
mãos á parede, - gente que só serve para bam-
bochatar, para gastar o dinheiro de seus pais,
para praticar toda a casta de extravaganci-
as, para derigir palavras picantes á esposa
de um honrado Cidadão logista, encarregado
pelo Senhorio deste predio, em consequencia de
sua capacidade e antiguidade para alugar
os differentes andares aos inquilinos que pa-
garem melhor, recebo as rendas e entrego-as,
o honrado Cidadão, sou eu, e não mereço ser
maltractado, entendeu? O que elles quieriam, sei
eu muito bem, advinho o seu plano... enfim,
basta, e basta, já disse.

Gustavo

Disse, acabou.

Ignacio

Felizmente tive uma boa idéa, - d'aqui em

deante os inquilinos d'este predio, ha-de ser tudo fêmeas, juro-lhe que o Senhor Gustavo foi o ultimo macho que aqui entrou, e ha-de retirar-se hoje, aqui está. (dá-lhe um recibo)

Gustavo.
O que é isso?

Ignacio
Isto!... é o recibo.

Gustavo.
Não perde o tempo Senhor, Ignacio.

Ignacio
Não perco o tempo!... hontem á meia noite acabou o mes, o Senhor devia ter pago no dia 25, não pagou, fiz-lhe o favor de esperar até agora, que são 9 horas do dia d'hoje, parece-me.

Gustavo
Ah! é para me mudar, quer que me mude?

Ignacio
É que pague.

Gustavo
Isso é que é o mais difficil. —

Ignacio
Hein!?

Gustavo
Guarde o recibo. (assenta-se) 2 Eu fico.

Ignacio
Fica! isso é impossivel Senhor! este quarto

foi alugado, já recebi o dinheiro e o novo inquilino ~~mas~~ tarda a mudar-se para aqui, bens claro fui com o senhor.

Gustavo
Deixa-l-o, que se vá embora.

Ignacio
É impossível! deve haver toda a consideração com o sexo a que pertence! é uma senhora, e eu sou a sentinella.

Gustavo (muito depressa)
É velha?

Ignacio
Quem, a senhora?

Gustavo
Todéra.

Ignacio
É rapariga

Gustavo
Então que se deixe estar, que se não vá embora, ella é muito bonita?

Ignacio
É bonita.

Gustavo
Carada?

Ignacio
Solteira. Parece-me que oco passos na escada.

3

Gustavo
Já!... com effeito. (vai ao fundo abre a porta Ignacio o segue) Oh! que linda mulher!

2 Ignacio
Vá-se embora Senhor Gustavo.

Gustavo
É encantadora!

Ignacio (abrindo toda a porta)
Fora aqui, por aqui minha Senhora.

Scena 3.^a
Os mesmos e Suranna.

2 Suranna
Meus Senhores. Eu desejava fallar...

3 Gustavo (à parte)
É bonita. —

1 Ignacio
Comigo, é comigo.

Suranna
Uma Senhora que está lá em baixo, na loja, disse-me que seu marido...

Ignacio
Eu é que sou marido de minha mulher, ella está trabalhando muito serida e com os olhos baixos, não é assim?

Suranna
Pareceu-me que não.

Ignacio (não prestando attenção)
Oh! é o dever d'uma donna de casa! minha
mulher sempre foi assim, em não havendo
frequeres, porque não quero frequeres. aproveita o
tempo e sempre...

Sempre
Gustavo

Que diz?
Ignacio

Perdão, agora...
Suranna

Gustavo
Esteja com attenção, é uma Senhora que
galla. (Ignacio corteja Suranna, Suranna continúa)

Suranna
Quando entrei estava rindo com quatro sujei-
tos, e vendendo fitas.

Ignacio (depressa e rangado)
Vendendo fitas!! a quatro homens! fracos!
quatro, contra uma mulher só! eu corro im-
mediatamente... (falsa sahida)

2. Gustavo
Venha cá senhor Ignacio.

Ignacio
Não tenho tempo! Sou a sentinella de mi-
nha mulher! quatro contra uma!! Olhe
que é preciso sair, e a sua mobilia não sahe
sem o senhor me pagar. (vai a sair)

3 Suranna
Escute

Ignacio
Não posso, não posso! quatro, quatro, com-
binem, fique um, Jesus! perco a cabeça; fi-
que qual quizer! Oh! Yumira, Yumira!...
(sai a correr)

Scena II.
Suranna e Gustavo

2 Suranna
E foi-se!!

1 Gustavo
Parece-me que sim, minha Senhora.

Suranna (à parte)
Este homem ficará aqui muito tempo!?

Gustavo (à parte)
Que bonitos olhos, que linda boca, é elegante!
Onde diabo vi eu uma cara assim?!

Suranna (à parte)
Como elle me examina! (alto) Senhor...

Gustavo (ao mesmo tempo)
Minha Senhora... (Suranna calla-se immedia-
tamente) Verdão... dixeia...

Suranna
Nada. Falté o Senhor.

Gustavo
A Senhora fallará primeiro, eu escuto.

Suzanna (hesitando)
É que... eu aluguei esta casa para morar...

Gustavo
Comigo?

Suzanna
Só para mim.

Gustavo (muito sério)
E eu também.

Suzanna
O arrendamento começa hoje.

Gustavo
É possível.

Suzanna
E tenho direito...

Gustavo.
Também eu. É um dos princípios de Direito Natural = que cada um deve tractar da sua conservação, e é tendo em vista este principio que não posso abandonar esta casa, deixando-a, não alcanço outra, como não quero morrer ao frio e à chuva, suicido-me e d'este modo vou contra os preceitos do meu Criador, do seu, de nós todos.

Suzanna
Crêdo! - Então o que tenciona fazer?

Gustavo.
Não sei.

5

Suzanna
Com licença, eu retiro-me (vai a sair)

Gustavo (vai ao fundo pega-lhe na mão, faz com que Suzanna se sente)
Não me recuse este favor, fique, supplico, não tenha medo (á parte) Decedidamente é ella.

Suzanna
O Senhor é original.

Gustavo
Não tive n'esta cara um momento de praxe, - conceda-me esta graça, por compaixão não me negue a hospitalidade que lhe offerereço.
(Paula) Diga alguma coisa.

Suzanna (á parte)
Sympático com elle.

Gustavo
Certo.

Suzanna
Não sei se devo....

Gustavo
Sei com toda a certeza que deve... Demais não sendo esta a primeira vez que nos vemos, já nos encontramos, não me lembro aonde.

Suzanna (reparando)
Ora espere!.... parece-me.... (levanta-se)

Gustavo

Parece-me que foi em Maio....

Suzanna
Em Bernfica....

Gustavo.
Uma encantadora camponesa... muito affli-
cta... galopando n'um burro...

Suzanna
Era o Tisa - Flores... um burro branco....

Gustavo
Temoro e cabecudo... como....

Suzanna
Como um burro branco. Não queria andar...

Gustavo.
De repente - foi-se - voou.

Suzanna
E um homem accudiu....

Gustavo.
Fui eu, mas já não fui a tempo, porque
... Catrapuz!

Suzanna (baixando os olhos)
Exactamente.

Gustavo
Uma ligeira cor de rosa! Oh! que pensamen-
tos! (indicando-lhe a cadeira) Faça favor de se
sentar outra vez.

Suzanna (sentando-se)

6
E venho eu encontrá-lo aqui!

Gustavo

É verdade! — e a senhora vem para Lisboa?
? Como se chama?

Suzanna

Suzanna.

Gustavo

É um bonito nome.

Suzanna

Agora sou costureira.

Gustavo

Mh! agora é costureira (ouve-se ruído na esca-
da) O que é isto. (levantando-se)

Suzanna

Não de ser os meus trastes. (hindo à porta)
São effectivamente... E agora senhor?....

2 Gustavo

Não se incommode, eu cedo metade.

Suzanna

Metade!! Como??

Gustavo

Como? essa é muito boa! D'aqui é o meu
quarto porque está lá o meu leito, d'acolá
será a sua cara: em quanto a este terreno
em que estamos... será ^{na casa do cavaco} o passeio publico,
S. Pedro d'Alcantara... uma rua publica.

2 Suzanna (surrindo-se)

É uma bonita idéa.

Gustavo
É boa, não é? — Bom dia, Verinha. (ouve-se ruído.)

Suzanna
Chegam os homens.

Gustavo (indo ao fundo)
Muito bem. (aos homens) Entrem por a
outra porta. (para Suzanna) É a que dá para
o seu quarto, para a sua cara, é uma lin-
da cara! ande vá, rica, Verinha.

Suzanna
Mas Senhor...

Gustavo
É justo, é justo. (pega-lhe na mão e beija-a)

Suzanna
Ai Jesus!! (foge)

————— Cena 5ª —————
Gustavo só

Gustavo
Evaporou-se!! é encantadora a minha an-
tiga conhecida! a candura... a innocencia...
tudo se revela n' aquella obra do Senhor!... Oh!
roxa dos bosques, a tua ligas, o teu Tisa-Flôres
tudo ficará gravado no meu coração!! Foi
asneira, é o mesmo passe. — É Margarida!!
Margarida que me ama...? Isto é mal feito.
Mas ~~isto~~ não faz mal. Vou arrumar a cara

quero dar-lhe ~~uma~~ boa idéa de mim. (sacode
os cachimbos) pucha a mera, muda uma cadeira) 2

Scena 1^a

Gustavo e Suzanna

(Suzanna entra sem cappa nem chapéo e trar na mão
um cesto com umas cortinas, um martello e um quadro)

Gustavo para e senta-se a cavallo n'uma cadeira que
deve estar a arrumar.)

Gustavo

Vem xangada, verinha?

Suzanna

Não Senhor. Mas é preciso fallar serio,
o tempo passa...

Gustavo

Bem sei que passa, mas não sei o que hei-
de fazer... nem o meio que hei-de empregar.

Suzanna

Não faz tenção de sair d'aqui?

Gustavo (levantando-se)

Não senhora; estou muito bem. Juro-lhe
que fiz diligencia... mas... não posso...

Suzanna

Porque?

Gustavo

Porque não tenho vintem, falta-me o
miseravel metal a que chamam dinheiro.

Suzanna

Procure-o.

Gustavo
Procure-o!!?

Suzanna
Sim ha-de haver alguém que lho empreste.

Gustavo
A quem não tem nada, nada lhe emprestam.

Suzanna
Sobre o seu trabalho, sobre....

Gustavo
Eu não trabalho.

Suzanna
É de que vive?!

Gustavo
Sou estudante, — vivo d'um Tio. (Suzanna tem tirado as cortinas, e n'esta occasião vai buscar uma cadeira e prepara-se para subir e pôr as cortinas na janella.)

Suzanna
D'um tio!

Gustavo (tendo a Suzanna)
Dê-me licença, ha-de permittir....

Suzanna (em pé na Cadeira)
Obrigada, — é de mais para meu creado.

Gustavo
Omnias! Sou muito pouco (Suzanna ~~entra~~ ^{abre} as cortinas)

Suzanna
Seu Tio....

Gustavo

Meu tio é um homem estimavel, carou com
uma menina linda, pobre, e prendada.
dentro em pouco meu tio enviuvou...

Suranna

Que pena!

Gustavo

E não tornou mais a carar. (Puxa pelas cortinas)

Suranna

Esteja quieto não amarrote as cortinas.

Gustavo

(obriga-a a descer
e sobe á cadeira, e fixa as cortinas) Dê-me li-
cença não seja teimosa!

2 Suranna (no chão)

Teimoso é o senhor.

Gustavo

(pondo as cortinas)
Eu sou para meu tio Calvino, Calvino é o
nome d'elle, o objecto das suas affeições, e
até hoje ainda me não faltou coura alguma

Suranna

Mas de hoje em diante....

Gustavo

O'hoje em diante, não sei, mas é muito
bem feito, pelas minhas extravagancias...
agora prometto de nunca mais o enganar.
Quer saber. (desce da cadeira) Felo entendo,
estava sem pintem... como hoje....

Suranna

14
Élo que vejo é molestia que o persegue muitas
vezes.

Gustavo

Muitas vezes... Meu tio estava xangado, desesperado comigo, não sabia o que havia de fazer... De repente tenho uma idéa... pego na penna e annuncio-lhe... o meu casamento.

Suzanna

É casado!!

Gustavo

Deus me livre... Tudo mentira.

Suzanna

Tio atreveu-se...?

Gustavo

Mentira que me salvou, e em tão boa occasião que meu tio estava doente com a gôttta, e de nenhuma maneira podia partir de Monte-Mór.

Suzanna

E se elle viesse indagar?

Gustavo

A gôttta não dá licença para pensar em bagatellas, demais um homem costumado ás qua cadeiras de molas, aos seus hábitos... Em seu lugar veio o dinheiro era o essencial...

Suzanna (rindo-se)

Porque é o Senhor tão extravagante.

Gustavo (ri-se também)

Ah! Ah! Ah! Ah! que lindos dentes. (Suzanna)

fecha a bocca)

Suranna (tira um prego do Cesto)
Pregue isto aqui na parede.

Gustavo
Tio, não minha Senhora. (Começa a pregar o prego)

Suranna
Aqui ha um armario!

Gustavo (sem se voltar)
E' o meu guarda-roupa.

Suranna
Ah! uma de avental!... uma touca...

Gustavo (correndo) (à parte)
Oh! diabo! (alto) Isso é...

Suranna (rangada)
Bem sei, são objectos pertencentes a uma mu-
lher.

Gustavo
Não são tal... a touca... nunca me deito sem
touca... o avental... uso quando faço algum
petisco em casa.

Suranna
Deve escrever a seu tio, e ~~deve~~ sair d'aqui
imediatamente.

Gustavo.
Já escrevi, mas a Snr.^a bem sabe que no fim de
alguns meses não podia matar minha mu-
lher e tornar a carar; no fim de 11 meses eu po-

dia por pai de um rapaz, e por tanto depois de ter
annunciado o nascimento do sobredito, lembrou-
me de o baptizar hoje, e espero pela resposta, já
vê que não pôde tardar.

Suranna

Eu já o não posso aturar, o Senhor não pô-
de ficar aqui. Aluguei esta casa e aluguei-
a toda.

Gustavo

Eu saio, está no seu direito. Mas lembre-se
que vai um homem para o meio da rua.
(vai buscar o Cachimbo e a Corneta de Caca) Levo só
estes dois objectos... o mais cá lhe fica para se
lembrar de mim. Adeos minha Senhora,
vou viajar. (falsa sahida)!

2 Suranna (á parte)

Sobre rapaz, tenho saudades.

1 Gustavo (ao fundo)

Adeos ea-verinha... até nunca mais! (vai a sahir)

Suranna (Correndo)

Olhe Senhor... Senhor...

Gustavo

Gustavo

Suranna

Ha pouco offereceu-me hospitalidade, quero
pagar lhe na mesma moeda - pôde ser que
até á noute tenha alguma resposta.

Gustavo (caindo de joelhos)

Oh Suranna, Suranna!... Obrigado

Ignacio (gritando, na escada)
Oh! senhor Gustavo, senhor Gustavo!

Gustavo e Suzanna
O que é isto?! (sobrem?)

— Cena 7ª —
Os mesmos e Ignacio.

1 Ignacio (entra muito cansado, correndo e deixa-se cair n'uma cadeira) Ai, Jesus! estou cansado! é muito alto... a escada é muito comprida, isto já não é para mim!...

3 Suzanna (que tem vindo a elle)
Mas para vão a correr, o que é?!

2 Gustavo
Sim, o que é?

Ignacio
É muito alto!... É uma carta

Suzanna
Uma carta?... para mim?

Ignacio
De Monte-Elor.

Gustavo
É de meu tio, dê cá! (recebe a carta)

Ignacio
Dê cá um pataco que não trás estampilha.
Ande avie-se, quero ir para ao pé de minha mulher.

Gustavo.

Agora não tenho trocado, logo lhe pago.

Ignacio (levantando-se)
Fois sim, sim, o ciúme far-me perder a ca-
beca, e a sentinella vai para o seu posto. (sai
a correr)

Scena 8ª
Gustavo e Suranna

Suranna
Leia depressa.

Gustavo
Estou com medo.

Suranna
É o dinheiro com toda a certeza.

Gustavo (depois de ter lido a carta)
Vaiha-me Deos!

Suranna
Não é dinheiro?

Gustavo
Veja, - eu não tenho segredos...

Suranna (lendo)
„ Meu rapaz, os Calvins continuam... Obri-
„ gado, obrigado meu Sobrinho porque me fi-
„ zeste segundo tio... Estou alegre, a minha
„ alegria é grande, já não tenho gôttá, te-
„ nho as minhas pernas boas, e parto imme-
„ diatamente para Lisboa, quero abraçar mi-
„ nha Sobrinha e ser padrinho do pequeno...
„ Talvez chegue no mesmo dia que a minha

carta. - espera-me para o baptizado...

Gustavo
Que lhe parece?

Suzanna
Fuja senhor, fuja depressa... se nos encontrasse aqui...

Gustavo
Se nos encontrasse aqui!! Oh! uma idéa!
uma idéa nova! ~~uma idéa sublime~~ uma
inspiração!! tra... la... la... ra... tra... la
... la... ra (sabe por um dos quartos, cantando, e
entra logo)  Instituto Politécnico de Lisboa

Suzanna (muito admirada)
Está doido.

Gustavo (entrando)
Estou doido... estou... (quer abraçá-la)

Suzanna
Cuidado com a tal Oidice. (ouve-se a
voz de Ignacio e de Calvino)

Ignacio
É no quarto andar... a porta á direita...
(os dois ficam estupefactos)

Calvino (fora)
Obrigado, obrigado senhor

Gustavo (correndo ao fundo, muito
atrapalhado) Esta voz! Ai! Jesus! meu
tio!

Suzanna (o mesmo)
Vatha-me Deus, vá-se embora! deixo-me!

Gustavo (muito depressa e a meia voz)
Suzanna, minha Suzanna... só tu me po-
des salvar! (vai buscar o avental)

Suzanna (à parte)
Estou com medo delle!

Gustavo
Tinha este avental... Prepare-se... enfeite-se.

Suzanna (Pondo o avental).
O que quer o senhor?

Gustavo (vai buscar a touca)
Da senhora depende o meu futuro, eu estou
deshonrado, desherdado, amaldiçoado, se meu
tio sabe que o enganai!... (põe-lhe a touca) Se
não consente... deito-me da janella abaixo!

Suzanna (pondo a touca)
Maldicta Cara!

Gustavo
Depressa... depressa, tenha dó de meu tio,
ohe que elle pôde ter uma apoplexia. (ouve
se tossir) Chio!... nem uma palavra!

Suzanna
Mas....

Gustavo
Chio! elle ahi está.

Scena 9^a

Os mesmos e Calvino.

Calvino (apparecendo)
Aonde estão elles? aonde estão elles?

Gustavo (abraçando-o)
Meu tio! (Suranna sem saber o que ha-de fazer fica immovel)

Calvino
Viva o meu rapaz! (empurra-o para ver Suranna) Deixa-me, deixa-me vê-la... é ella, não é verdade?

Gustavo (balbuciando)
E... é sim, meu tio... é minha mulher.

Suranna (vivamente)
Sua mulher!

Gustavo (baixo a Suranna)
Calte-se... ou então estou perdido.

Calvino (commovido)
É exactamente como eu a tinha imaginado... a minha Sobrinha não vem abraçar seu tio?

Suranna
Senhor... é que... (Gustavo pucha-a para junto do tio) elle a abraça e beija na testa)

Calvino
Estou contente... já tive o gosto de a beijar!
(olhando-a com attenção) Que bonitos olhos, que elegancia, é encantadora...
Gustavo. (à Sobrinha ou Suranna) Minha Sobrinha

gosto muito da sua pessoa.

1 Suranna
Eu.... (Gustavo faz-lhe signaes)

Calvino (voltando-se)
Hein!!!

3 Gustavo (vivamente)
Nada, meu thio... nada.

Calvino (puchando-os p.^a junto de si)
E o outro?... o pequeno... onde está elle?

Suranna (à parte)
Não me faltava mais nada.

Calvino
Eu quero abraçal-o tambem. (a Suranna)
Ensina-me o caminho... é por aqui? (vai
a sahir por um dos lados)

Gustavo
Não entre tio, não entre.

2 Calvino (vultando-se p.^a Suranna
e sorrindo-se) Porque é isto Sobrinha?

3 Suranna (à parte)
É preciso. (alto) Não acredite...

3 Gustavo (baixo a Suranna)
Quer matal-o?

1 Calvino
Hum... hum... já sei, - o pequeno está doente.

3 Gustavo (depressa)
É verdade... está... está um pouco doente...
não é verdade?

Suzanna
Não ha-de ser coisa de cuidado. (à parte)
Pobre homem.

Calvino (olhando-os)
Como elles são amigos. (a Suzanna) Agora
está dormindo?

Suzanna
Está sim senhor... Chio... não faça bulha.
(à parte) Como acabará isto?

Calvino (vai pôr a bengalla a um
Canto) Pois minha Sobrinha....

Gustavo (aproveita a occasião, bai-
xo a Suzanna) Obrigado Suzanna, Obrigado.

Suzanna (à parte)
Resignemo-nos.

Calvino (voltando-se)
O que dizem vocês?

Suzanna
O Senhor deve estar cansado, precisa des-
cansar.

Calvino
Senhor!... Tio... Tio é preciso dizer.

Suzanna.
Aqui está uma cadeira, - dê cá o chapéo.-

2 *Calvino* (dá o chapéo)
Aqui está. (assenta-se e áparte) *Que boas*
maneiras.

Suranna (vai pôr o chapéo em
cima da commoda) *áparte*) *Que arranjo... que*
pensará elle de mim?... (alto) O meu... meu
tio ha-de desculpar... quando chegou estava
arranjando...

3 *Gustavo*
É verdade, estávamos arrumando...

Calvino
Bem sei, bem sei, eu não sou de ceremonias.
(áparte) É muito arranjada, gosto d'isto.

Gustavo
Bem sabe que em casa d'estudante....

Calvino
Carado...

Suranna (arrumando)
É sempre casa d'estudante.

Calvino (rindo)
He! He! é verdade. (áparte) Sem espirito.
(alto) estou encantado com tua mulher. É
um thesouro.

Gustavo
Sem pido sempre a minha oppinião.

Calvino
O peor de tudo é que estou com fome, ainda não
comi hoje. Nesta casa não....

Gustavo

Recebemos a sua carta ha pouco tempo....
mas a cara de pasto é perto. (à parte) que
diabo hei-de fazer?

Calvino

Pois sim, sim, meu rapaz, no entretanto
vou conversando com minha sobrinha, é
verdade. chama-se...

Suzanna

Su....

Gustavo (muito depressa) (à pte
a Suzanna) Solice (alto) Maria, então
não se lembra que lhe mandei dizer?

Calvino

O primeiro nome, sei eu, mas... O maior não
me lembro.

Gustavo

Ah! o resto, - Maria Antonia - Eu vou
meu tio... eu vou... a cara de pasto... (para
de repente)

Calvino (levantando-se e sorrin-
do-se) Venha cá. (à parte a Gustavo) Aposto
que não tens dinheiro.

Gustavo

Quer que lhe fale com franqueza (e faz
signal d'affirmação).....? Eu não senhor.

Calvino (alto e também para Suzanna)

Ora essa!.. tanto dinheiro que tenho, manda
do para esta cara.

Gustavo

Bem vê que a mulher... o pequeno... tudo caro...

Suzanna

Não se ranque meu tio... (mostrando-lhe uma bolca) estão aqui as economias. (a Gustavo) Aqui tens.

Gustavo

(à parte a Suzanna)

O seu dinheiro!!!

Calvina

Não consinto, não consinto minha Sobrinha, guarde, não aceites, (mechendo no bolso) sou eu que tenho obrigação.

Suzanna (a Gustavo)

Aqui tem o dinheiro vá depressa.

Gustavo

Não vou, já disse.

Suzanna

Quero eu.

Gustavo

(fingindo-se rangado)

E eu não quero.

Calvina (a Gustavo)

O que é isso!!! temos uma questão... uma desavença... quando eu chego? Faça favor de abraçar já sua mulher e pedir-lhe perdão.

Suzanna (vivamente)

Não é preciso, eu não setou mal com elle.

Calvina

Quero eu.

Gustavo
Venha um abraço, minha mulher. (baixo)
Dê cá o abraço para não haver suspeitas,
olhe que elle desconfia...

Calvino
Então que demora é essa?!
Gustavo

Aqui não ha demora. (abracça Suranna)
É por causa do Theo.

Suranna - (á parte)
Jesus! se eu soubesse.

Calvino
A par e a união são coisas muito bonitas
entre carados, são o tudo d'uma cara, — sem
a harmonia...

Gustavo
Não temos nada feito, é essa a minha op-
inião.

Calvino
Em tu acabando o curso, que vivamos em
Monte-ellór, todos em familia, com muitos
sobrinhos, todos a gritarem, todos a dançarem,
ha-de ser muito bom.

Gustavo
Isso é que ha-de ser bonito.

Suranna
Eu tambem digo que ha-de ser muito boni-
to.

Calvino. (rindo)

De certo... de certo... de certo (n'este momento
apparece Ignacio esbaforido)

Scena 10^a
Os mesmos e Ignacio

1 Ignacio (a Gustavo)
Minha mulher... entregue-me minha
mulher.

2 Gustavo e Calvino
Hein!

Suzanna
Sua mulher?

3 Ignacio
Humira, a minha Humira, desapareceu,
foi roubada, ... e eu estava de sentinella... o
raptor é um dos seus amigos... se não foi o Se-
nhor, mesmo... onde está ella?

4 Calvino (Langado a Ignacio)
Veja o que está dizendo... falla-se assim
a um homem cego, e de mais a mais de-
ante de sua mulher.

Gustavo e Suzanna (à parte)
Bonito!

5 Ignacio
Sua mulher, eu não a vejo.

Calvino
É cego?... não vê minha Sobrinha?

Ignacio

Sua Sobrinha! esta Senhora, mulher d'este homem? ha uma hora nem se conheciam.

Gustavo e Suranna (á parte)
Foi-se tudo.

Calvino
O que diz?! Gustavo! Maria! então não ouvem, não respondem?

Suranna
Senhor ... juro...

Ignacio
É mentira.

Calvino
É verdade.

Ignacio
Eu sei com certeza que é mentira.

Calvino
Cale-se.

Ignacio
Sou a sentinella de minha mulher. Não quero. Foi roubada a minha Humira, nos tribunaes ha justiça... e vai seguir-me. Vamos a casa dos seus amigos, eu quero minha mulher... e depois vou denunciá-los ás autoridades. (agarrando Gustavo)

Gustavo. (desembaracando-se)
Deixe-me que me importa sua mulher?

Calvino
Parece-me que este homem tem razão;—
siga-o, eu vou interrogar a sua cumplice.

Suranna
Ah! Senhor.

3 Calvino
São môça. Espero que me fale verdade.

2 Gustavo
O tio quer que eu vá com este homem?

Calvino
Sim Senhor.

1 Ignacio (agarrando-lhe n'um
braco) Venha d'ahi

Gustavo
Deixe-me. (olha para Suranna e sahe)

Ignacio (atraz d'elle)
Quero saber onde está minha mulher...
hei de vingal-a (pahem)

— Scena II.ª —
Suranna e Calvino.

Calvino
Estamos sós, minha Senhora.

Suranna
Deve estar muito xangada com elle... e co-
migo, bem sei.

Calvino

17

Parece-me que tenho razão... enganar-me
desta maneira...

Suzanna
Não foi minha a culpa, acredite. Esse
homem falou verdade quando disse que
há uma hora não conhecia seu Sobrinha.
E quando o senhor entrou ignorava o pa-
pel que havia de representar.

Calvino. (á parte)
É possível. (alto) Depois?

Suzanna
Tive do d'ele, e quis poupar um desgos-
to ao senhor, - é todo o meu crime - depois
elle estava tão afflicto, e o senhor tão feliz.

Calvino. (á parte)
Continuo a gostar d'ella, é celebre.

Suzanna
Eu peço perdão, estou bem castigada. Por-
que há-de fazer uma idéa falsa de mim...
Eu sou ~~uma~~ costureira, mas sou uma mu-
lher honrada.

Calvino. (á parte)
Todas dizem a mesma coisa.

Suzanna
Sou filha d'um soldado.

Calvino
D'um soldado!?

Suzanna (tirando uns papeis do bolso)

E pego proval-o. São os attetados dos servi-
cos de meu pai. (entrega-os a Calvino)

Calvino (depois de ler)
Que vejo... José Mathias... nascido em
Linhares... Conheci muito bem.

Suranna
Conhecia-o?

Calvino
Foi quem me substituiu, o homem que dei
em meu lugar.

Suranna
Em seu lugar?!
Instituto Politécnico de Lisboa

Calvino
Em 1808... um bonito rapaz... um homem
no meu genero. Partiu em meu lugar... e
por bem pouco.
Escola Superior de Teatro e Cinema

Suranna
Foi um bom soldado!

Calvino (lê e para logo)
Ah! ele foi Sargento!... em meu lugar.

Suranna
Sahiu Sargento... na batalha...

Calvino
É verdade, estava eu na batalha... isto é, ele...
porque estava em meu lugar. Estávamos nós...

Suranna
Ahi é que elle perdeu uma orelha.

Calvino

Uma orelha, é verdade. (Triste) Foi a minha orelha que elle lá perdeu!

Suzanna

Depois, n'uma outra acção, perdeu a perna.

Calvino

A direita?

Suzanna

Foi a esquerda.

Calvino

É isso é. — lá foi a minha perna esquerda. (estremecendo) Ah! Jesus, estou com arrepios.

Suzanna

Ha dezoito meses que morreu...

Calvino

Mas foi elle?

Suzanna

Trate-o como devia.

Calvino.

Morreu... mas eu vivo ainda... Sobrejoré, farei por tua filha o que não pude fazer por ti. Proprietario do teu corpo, foste perdendo pouco a pouco as tuas propriedades... e eu vivi contente e feliz! (para Suzanna) Hei-de recompensar-te.

Suzanna

Perdão-me?

Calvino

A filha de José não precisa perdão... Gustavo é que...

Suzanna
Seja bom para elle, é preciso perdoar-lhe
também.

Calvino
Perdoar-lhe... nunca. Sembre-se que
foi a causa de eu suspeitar que a Senhora..

Suzanna
Se eu pedir muito?

Calvino
Isso talvez... mas com uma condição.

Suzanna
Qual é?

Calvino
Ele precisa castigado severamente... tu
também por ter escarnecido de mim... tive
uma ideia... mas é necessário obdecer-me.

Suzanna
Prometto obdecer.

Calvino (à parte)
É esperta, tem boas qualidades... e é filha
do José!...

Suzanna
Então o que é... é cousa muito má?

Calvino.
Quero pagar a teu pai a minha orelha e a

19
minha perna, quero satisfazer a minha di-
vida de reconhecimento.

Suzanna
Não compreendo.

Calvino
Silêncio! ei-lo ahí. (vê Gustavo que entra de
vagarinho)

— Scena 1ª —
Os mesmos e Gustavo.

2. Calvino
Aproxime-se! que vem aqui fazer? Sei
tudo.

3. Suzanna
Eu disse tudo...

1. Gustavo
E meu tio.

Calvino
Calle-se! eu não quero mentiras... e o Se-
nhor não mentio! (a Suzanna) Não tenha
medo. (alto) Não mentio, porque sua
mulher está aqui! foi sua mulher, é sua
mulher, e ha-de ser sua mulher, tenho
dito.

Gustavo
Minha mulher?!!

Suzanna (com alegria e á parte)
Sua mulher!

Calvino
Em quanto ao pequeno... elle virá!

Suzanna
Eu não amo o senhor Gustavo.

Calvino
Isso não faz nada ao caso, hade vir
como o pequeno. O senhor não me agradece?
não cahi aos pés de sua mulher?

Gustavo (à parte)...
Oh! Margarida! Margarida!..

Calvino
Não gosta de lhe offerecer o nosso nome?

Gustavo
Gosto... mas... uma vez que sabe tudo...
Digo com franqueza... Eu não conheço esta
Senhora.

Calvino
Conheço eu, é quanto basta. Ha de ter o
nosso nome... é filha do José.

Gustavo (sorrindo-se)
Ah! é filha do José! (sério) Não é possi-
vel.

Calvino
Eu digo que é, e digo que sim.

Gustavo
Eu digo que não.

Calvino
Se não carar contigo, hade carar comigo.

Gustavo.
Que dir o tio?!..

Suzanna.

Ser o Senhor meu marido?!'

Calvino

Qu'antes seu pai... é um pai que não quer abandonar sua filha as seduções d'um mundo prevertido, é um velho que pede para o não deixar, é um amigo, um devedor de seu pai que lhe diz do fundo do coração que ha-de salvá-la para pagar uma dívida sagrada. (estende a mão a Suranna, esta herita)

Gustavo

A Senhora aceita?

Calvino

E porque não? O meu Sobrinho recusa, porém eu, quero dar-lhe o meu nome. (Suranna dá a mão a Calvino)

Gustavo

A sua idade... o Ahio bem vê....

Scena 13.^a

Os mesmos e Ignácio.

² Ignácio (entrando a correr)
Onde está minha mulher?

Gustavo

Foi-se.

Ignácio

Para onde?

Gustavo

Para a California.

Ignacio (caindo n'uma cadeira) Oh! que horror! 1

3 Calvino (abracca Suranna e beija-a na testa) Partiremos esta tarde. Adeus meu Sobrinho... Saiba que achei uma mulher.

Ignacio
Fatalidade!... e eu perdi a minha, cou-
ras do mundo.

1 Gustavo (á parte)
Tudo isto me custa uma herança.
Deos velará por mim!!!

Fin do 1º acto.

Acto 2º

Gabinete nº 4

Dois annos depois. Casa de Calvino em Monte-Mór-Novo, jardim ao fundo, mo-
bilia elegante, um piano B.^a

Scena 1ª

Calvino e Ignacio.

(Calvino lê n'um jornal, a mesa para o almoço está meia porta, Ignacio está ao pé de Calvino com dois pratos na mão).

Calvino

Deixa-me, já te disse.

1 Ignacio

Não o deixo,... não senhor, já disse! Sou crea-
do de V. Ex.^a pela minha dedicação... tres meses
depois do seu exaramento vim para sua casa...

Calvino
Tu és doido?...

Ignacio
Conheci, e conheço todos os inconvenientes... todos os perigos do matrimonio entre um homem da sua idade e urna senhora nova... eu como experiente do mundo e das mulheres, quizer servir o Senhor Calvino.

Calvino
Oh! homem eu não preciso (levanta-se)

Ignacio
Não precisa!!!

Calvino
Não preciso dos teus serviços.

Ignacio
Todos são assim... Se o Senhor conhecesse a minha humilhação...

Calvino
Sim, e depois?

Ignacio (põe os pratos em cima da mesa)
Depois, é preciso muita desconfiança... vigilancia e muito ciúme!....

Calvino
Eu quero antes viver sossegado.

Ignacio
Exactamente o que eu julgava... A sua confiança ha-de perdê-lo... Felizmente eu tomo as dores pelo Senhor... eu vigio, eu rondou... eu velo noite e dia pela sua honra!

Calvino

Eu antes quero ser enganado, do que ouvir-te.

Ignacio
Mas não quero eu.

Calvino
Ignacio!

Ignacio
Pode xingar-se, pôde palhar... até bater-me, porém hei-de cumprir a minha missão.

Calvino (socegado)
Ora sempre te quero ouvir, - falta-o que tens a dizer? (penta-se)

Ignacio
Em primeiro lugar - o Senhor fez muito mal em casar.

Calvino
Sim, não te pedi conselho... tens franqueza de mais. Disculpo-te.

Ignacio
Foi uma inconveniencia offerecer a cara a seu Sobrinho! Porque veio elle hontem á tarde?

Calvino
Acabou o curso, vem descansar.

Ignacio
Vem namorar sua mulher.

Calvino
Estás doido, Ignacio?

Ignacio
Com estes dois que a terra ha-de comer... vi eu... quando elle chegou fallaram um com o outro.

Podéra.

Calvino

Ignacio
Dava suspiros... e abraçou o pequeno.

Calvino
O meu filho.

Ignacio
O meu... filho... Etal Senhor Gustavo sempre
tem uns olhos....

Calvino
Isso tem. Tem... ^{porque} (olha p.^o todos os
lados) eu ainda me lembro.

Ignacio (tussindo, vendo
Gustavo no fim do jardim) Hum... hum... hum
... Lá vem o inimigo no fim do jardim.

Calvino ~~desambula~~
Vai-te que podes dizer alguma asneira.

Ignacio
E sou muito capaz disso.

Calvino
Fois sim, vai-te. Diz que quero al-
moçar mais cedo e previne a senhora.

Ignacio
Tome cautella, Senhor Calvino, não se
esqueça, eu cá fico de sentinella (sake) ~~EA~~

Calvino
Vai-te quero almoçar (segue-o e desaparece)

— Scena 7.^a —
Gustavo só e depois Calvino.

#

Gustavo. (pensando)
É incrível... é impossível! não é a mesma
mulher, que differença em dois annos... qu-
anto mais a examino, mais a admiro... Qu-
anto me lembro do meu quarto andar em
Lisboa... se pensasse como hoje penso!... Já
não ha remedio! Devo lembrar-me que é
a mulher do homem a quem devo tudo... é
minha tia! Nunca, nunca poderei dar
lhe este titulo! 2

Calvino (que ouve as ul-
timas palavras) É porque senhor, meu Sobrinho?

2 Gustavo (à parte)
Meu tio!

Calvino
Julga... que minha mulher deshonrou o
nome de nossa familia?

Gustavo
Ao contrario, meu tio, - é um anjo, é digna
dos maiores elogios.

Calvino
Aqui tem sido admirada por todos, todos a
veneram e respeitam, todos são seus amigos.
De todas as flores que possuo é Suzanna
a rainha! As tulipas, as roxas são menos
innocentes do que ella. (muda completamente) O
que tens tu?

Gustavo.
Estou satisfeito, contente! Considero-me fe-
lix com a sua felicidade.

Calvino
Aqui has de passar bellos dias. Suzanna é
muito espirotuosa, tem estudado muito, tem apren-
dido immenso. Eu estou completamente outro,

palavra d'honra, já não tenho gôttá, não tenho rheumatismo, tenho grande apetite, canto, rio e engordo... tenho vinte annos. E tudo graças ao caramento. É preciso que te caixes... Eu penso... ou para melhor dizer... nós pensamos n'isso.

Gustavo

Nós!?

Calvino

Sim... eu e tua tia... eu e ella somos um... não, não digo bem... quando digo eu, quero dizer nós, que somos dois... nada, não é isto, porque eu sou tres.

Gustavo

Não tenho o gosto de perceber.

Calvino.

Contando com o pequeno, com o meu filho... que tal te pareceu?

Gustavo

É bonita criança.

Calvino.

É, é muito bonito... É o meu retracto... um verdadeiro Calvino. (tomando-lhe o braço e passando) Havemos de pensar seriamente no teu futuro; acabas-te o curso, vais encetar a carreira d'homem serio. Sabes que minha mulher interessa-se extremamente por ti?

Gustavo

Não sabia.

Calvino

Sem dito muitas vezes, estimava muito que seu Sobrinho viesse para aqui, quando acabasse

os seus estudos, as terras pequenas são melhores para quem principia, e demais aqui ~~tem~~ muita consideração, e enquanto não arranjasse um casamento vantajoso, podia estar em nossa casa, viveríamos muito felizes, e otha que o tem dito milhares de vezes.

Gustavo

Não duvido... mas eu... é que....

Calvino

É a minha vontade, quero dizer, é a nossa vontade.

— Cena 3ª —

Os mesmos e Ignacio.

Ignacio (trazendo o almoco)

Aqui está o almoco.

Calvino

Santa palavra, vamos para a mesa.

Gustavo

Obrigado, não-almoco, não tenho vontade, al-
moco logo.

Calvino

Isso é mau, eu como cinco vezes ao dia.

Gustavo

Bem sabe que ainda não....

Calvino

Que ainda não carás-te, dizes bem. É verda-
de, Oh! Ignacio onde está minha mulher?

Ignacio

Não pôde tardar, vem ahi... disse-me que
podiam vir almoçando.

Calvino
Vamos a isto, Suranna! não tarda.

Ignacio (á parte)
Esperem por ella... tenho-a com sentinellas
a vista.

— Scena II^a
Os mesmos e Suranna. *etc.*

2 Suranna.
Aqui estou já, não gosto que esperem por
mim.

3 Gustavo (á parte)
Coragem.

Ignacio (muito admirado)
Hein!! (á parte) Decididamente houve conspira-
ção.

Suranna (depois de abraçar Cal-
vino) Bons dias senhor Gustavo.

Gustavo
Bons dias, minha Senhora.

Calvino
O que é isso?! minha Senhora... minha
tia, abracem-se facam favor.

Ignacio (baixo a Calvino)
Ah! Senhor... tome cuidado! eu cá estou no meu
posto.

Calvino (o mesmo)
Imbecil Parvo!

Ignacio (á parte)
Eu é que o sou.

Calvino
Assenta-te Suranna, entre mim e Gustavo, e

almoca.

Suzanna
Obrigada, eu já almocei
Calvino
Já almoceaste!

Suzanna
Cumprir as ordens do senhor, meu marido.

Calvino
Minhas!

Suzanna
Não mandou dizer que queria conversar
com seu Sobrinho e que podia almoçar.

Calvino (olhando p.^a Ignacio)
Ah! compreendo. (para Ignacio) Foste dizer...

Ignacio (balbuciando)
É verdade... sim, senhor... eu julgava... sem
pre esperei...

Calvino (baixo a Ignacio)
Animal!

Suzanna e Gustavo
O que tem elle!?

Calvino
Não tem nada... Falta um talher Ignacio.

Ignacio
Aqui está, aqui está, tenho-o aqui de reserva.

Calvino
O que tens tu Gustavo, não comes nada, pro-
va um bocadinho de torta, está deliciosa, é feita
por minha mulher.

Ignacio (à parte)
Pro... elogia a mulher.
Gustavo.

Perdão meu tio... não posso... não tenho vontade.

Calvino

Está bom, está bom... eu comerei por ti. Tu Suranna como já almoçaste podes começar a ler o teu romance.

Gustavo

Também é romancista?

Suranna

Gostava muito de o ser, ~~gostava~~ ^{estimava} de escrever bem... mas não posso. (levanta-se e vai buscar o romance manuscrito dentro de uma gaveta de secretaria ou coisa que o valha)

Calvino

O que ha de dizer a authora?

Gustavo

De certo.

Calvino

Vamos, vamos ouvir.

Ignacio (à parte)

Decididamente o homem tem o diabo no corpo.

Suranna (lendo)

"Era uma linda tarde d'outono". (declama)
É como principiam quasi todos os romances, e eu não me quix tirar do vulgar." (continuando a ler) "o astro fulgurante derramava os seus raios sobre a Cidade de Lisboa, quatro horas soavam, e o protagonista do nosso romance, donxella ainda, corria ao seu destino para ser desgraçada e perdida. Tinha vinte annos, era pobre, e chamava-se Margarida.

Gustavo

Margarida!

Suzanna.

Não é bonito nome?

Gustavo

É que... lembrou-me...

Suzanna

O que?

Calvino

O que tens?

Gustavo

Foi... foi uma lembrança do passado! (à parte)

Oh! meu Deus que recordação! (Ignacio torce)

Calvino (p.º Ignacio)

O que dizes tu?

Ignacio

Nada... eu tussio... porque estou constipada.

Suzanna

Então não continúo a ler, podem as muitas lembranças ocasionar-me uma morte repentina.

Calvino

Não, não, isso nem por brincadeira. Eu já o li todo, é triste, mas assevero-te que é bonito. Há verdade, mostra os teus desenhos, deixa ver o Album.

Suzanna

Aqui está! (indo buscar o Album)

Calvino

Ignacio, vai buscar Café! (para Gustavo)

Não posso passar sem o meu Café sem leite.

Ignacio (à parte)

Não os queria deixar. (alto) já o vou buscar.
(sabe reemungando) EX

Scena 3^a
Os mesmos, menos Ignacio.

Suranna

Tudo devo a seu tio, elle julga-se feliz mostrando as minhas obras, e eu porque o vejo contente.

Gustavo (depois de folhear o album) (muito admirado) É um....

Calvino

É um burro branco... É othe que o burro está muito bem feito.

Gustavo (baixo a Suranna)

É o Pica-Flores (alto) A senhora vai mesmo a cair.

Calvino

A liga, a liga como se vê.

Gustavo (baixo a Suranna)

Côr de rosa - que lembranças!

Suranna (baixo a Gustavo)

Então.

Calvino

Ali, alli... mais longe, um homem... é o salvador... n'estas occasiões ha sempre um salvador... ~~agora~~ o burro... que verdade! - é pena que se não veja a figura toda do homem.

Suranna

É tambem a sua opiniao, meu Sobrinho?

Gustavo.

Minha Senhora...

Calvino.

Fares favor de a chamar tia, senão range-me? (levanta-se e vai accender o Cigarro, no instante Gustavo falla baixo com Suranna)

Gustavo (baixo a Suranna)
Foi a senhora... a minha tia... que desenhou este quadro!!! é um anjo Suranna!

— Cena 7.ª —

Os mesmos e Ignacio (que entra com o Café)

Ignacio (applicando o ouvido, ouve as ultimas palavras de Gustavo) Hei!

1 Suranna (a meia voz)
Não posso esquecer-me.

Calvino (hindo pensar-se longe de Gustavo e Suranna) (falla sem olhar para elles)
Suranna tem desenhado quadros lindissimos.

2 Ignacio (a Calvino)
Oh! Senhor! não os vê?

3 Gustavo (a meia voz)
Querida Suranna!

4 Calvino (volta-se, ouve, imita-o)
Querida Suranna. Continue Senhor meu sobrinho

Gustavo.
Perdão! perdão, meu tio.

Calvino
Não te envergonhes... Eu não te dizia que era admiravel... e que havias de ficar encantado? vejo que me não enganai.

Ignacio (apresentando-lhe o Café)
Faz favor de tomar o Café.

Calvino (f.º Ignacio, sorrindo-se)
O que dizes?

Ignacio
O Café. (baixo) Oh! Senhor, ohe que ain-
da me lembro da minha Lumira... e com
saude!

Calvino (toma o Café, não
dá attenção a Ignacio) É' delicioso. Queres
fumar Gustavo, são excellentes charutos, são
hespanhóes.

Gustavo (que conversa sempre
com Suranna) Obrigado, meu tio.

Suranna
Elle prefere agora estar conversando com
sua tia não lhe lembra o fumar, não é
verdade, meu Sobrinho?

Gustavo (a meia voz)
Perdi um anjo.

Ignacio (que ouve, bebe
dois golos d'agua) Não posso, não posso...
estou mal da garganta.

Calvino (levantando-se)
Pois bem, fumará quando tiver vontade.
Vou ver ~~o tratado~~ das minhas flores, queres
vir Gustavo?

Gustavo
Com todo o gosto, porém se o tio desse licen-
ça....

Calvino
Conversarias com minha mulher, pois sim,
eu pouco me demoro, porque Suranna hade
cantar e recitar ao piano, eu gosto muito
de-a ouvir.

Jesus! 4 Ignacio (pondo as mãos na cabeça)

3 Suranna
Primeiro vou ver se Gustavo acordou.

1 Gustavo
Gustavo!

2 Calvino
Sim, o pequeno... o nosso filho.

Gustavo.
Ah! é verdade, chama-se Gustavo.

Suranna
Fui eu que lembrei o nome

4 Ignacio (à parte, o mesmo que acima)
Jesus! Maria Santíssima!!!

Calvino
Vou às minhas flores, e tu vai ver o pequeno.

Gustavo (à parte)
Um filho!... e eu podia ser feliz!!

Ignacio (à parte)
Não gosta do papão.

Suranna (baixo a Calvino)
Não está contente.

Calvino
Tenha paciência. (mais alto) Nós não nos demoramos, não queres gozar o perfume das flores.

Suranna
Até já (sabe)

Gustavo (seguindo Calvino)
Eu vou meu tio (vai a sair).

Ignacio

Tambem eu, ainda sou da mesma opini-
do... Quantas vezes tenho fallado a favor
do Senhor... eu quero descobrir todo o mys-
terio.

Gustavo

Que! temos algum mysterio?!

Ignacio

E muito grande! (aparte) Eu cumprio o meu
dever.

Gustavo (como consigo)

O que sera?

Ignacio

Eu faco asneira... mas é o mesmo... lá vai...
Quando vejo um rapaz como o Senhor ser
lesado nos seus interesses... enganado...!

Gustavo

Enganado!!

Ignacio

Sim Senhor. Chio... chegando-se a Gustavo)
O pequeno... é... mas... não é... percebe?

Gustavo

Não percebo.

Ignacio

É filho de seu pai e de sua mãe, mas não
é filho de seu tio e de sua tia,... por outra
não é filho do Caral... isto é, d'este Caral
cá de cara. Desconfio da Senhora, aquellas
festas não são boas... o pequeno... foram bus-
calo a Sibôa.

Gustavo

Para que, com que fim?

Ignacio

Está clarissimo. Com o fim de lhe subtrahir a
herança... de proposito e caro pensado para

29

lhe roubar o que é seu. É uma tia que o Senhor deve detestar, desprezar, abominar!
(à parte) Eu arranjo bem estas coutras.

Gustavo.

Isso é infame... sabe com certeza que não é filho do Sr. Calvino?

Ignacio

Vou jurar.

Gustavo.

Vem de minha tia?

Ignacio

Isso agora é que eu não sei... As mul-
heres são bastante fracas

Gustavo

Eu não o creio... não o quero crer... é impossível!

Escena 8.
Os mesmos e Suranna

3

(que ouviu o final do dialogo)

Suranna (que ouviu o final do dialogo)
Obrigada.

2

Gustavo

Suranna!...

1

Ignacio (à parte)

Ouvio tudo.

Suranna

Deixe-nos.

Ignacio (à parte)

Vou chamar o marido

Suranna

Então!?

Ignacio
Eu vou minha Senhora. (à parte) Isto revolta.
(alto) Vou imediatamente. (à parte) Já que
não posso dizer outra coisa, digo, que me
revolta, que revolta, e que revolta. (sabe) F

Scena 9ª
Suranna e Gustavo.

Gustavo.
Fale Senhora, preciso ouvi-la

Suranna
Não tenho nada mais a dizer-lhe... já
agradeço e agradeço... o defender-me
... é bastante Gustavo.

Gustavo
Verdade! o que este homem acaba de di-
zer não é tudo mentira, a incerta affli-
ge-me profundamente e peço que...

Suranna
Não entendo.

Gustavo.
Sei perfeitamente que a Senhora me odeia
... tornou-se a mulher do homem a quem
devo tudo, d'um homem a quem respeito
e venero, roubou a amizade de meu tio
... de meu pai!...

Suranna
Senhor....

Gustavo.
Não conheço outro. Não julgue Senho-
ra que tracto de uma questão de dinheiro...
a herança que m'importa! de nada vale!
Sou moço, trabalho, tenho um futuro! Tui

extravagante, mais ainda, depois d'este Sacramento, procurava nas orgias o esquecimento, procurei uma sociedade infame e depravada, desprezei a quem de via ^{amava} ~~amava~~, fiz devaneios que ainda hoje...

Suzanna

Cuz. sei. — as suas acções não me podiam ser indifferentes, sou mulher de seu tio. Saiba que estivemos em Lisboa durante a sua doença, no auge da febre, na occasião do delirio, estava-mos em sua casa, junto ao seu leito... Era um segredo, porém uma vez que m' accusa, e apesar da minha promessa, é preciso que me defenda.

Gustavo

Este... menino... é um estranho... não é assim Suzanna?

Suzanna

Salvo... que não.

Gustavo

O que diz?

Suzanna

Cica. Uma senhora menina ainda, com quem fui criada, quasi como irmã, por circumstancias veio para Lisboa, querendo pelo seu trabalho alcançar os meios de subsistencia, tal qual como a heroína do meu Romance, os prazeres da Capital enlouqueceram o pobre... coração de vinte annos... (comovida) um homem a perdeu... e desgraçou... as promessas fixaram-se, mas não se cumpriram... o seu futuro... foi a miseria... e as lagrimas... O homem como o Senhor disse ha pouco, buscava nas orgias... o esquecimento da mulher que perdeu... e do seu filho que ainda não era nascido. A mulher chorava e temia... Chorava a sua desgraça, e o futuro de seu filho. Um dia a minha irmã recordou-se da companheira da in-

fancia... escreveu... fui... os praueres, amor, mo-
cidade; bellera... em tão pouco tempo tudo de
sapareceu... havia lagrimas... e fome!... junto
da infeliz estava uma criança... que já não
tinha pai... e a mãe... pouco podia viver!...

Gustavo

Suzanna, o nome d'essa mulher?...

Suzanna

Era Margarida?

Gustavo

Este menino, é filho de Margarida?....

Suzanna

E seu.

Gustavo

Meu Deus!

Suzanna

Já vê que não é um extranho, comprehende
porque o estimo tanto... porque o fiz adoptar e
amar por seu tio... porque lhe dei o nome de
Gustavo!... é meu... não o deixarei nunca!

Gustavo

Suzanna... e ella... Margarida... aonde está?

(Suzanna aponta p.^o o Ceu e fica immovel.) (depois de paura

Gustavo continua) Morta!!! (cahindo de joelhos)

É um anjo... perdõa-me Suzanna! (Ignacio

apparece ao fundo, Suzanna não vê Ignacio e sahê deva-

gar, Gustavo fica de joelhos e não vê sair Suzanna) 203

Scena 10.^a

Gustavo e Ignacio

Ignacio. (ao fundo)

É o marido a ver as tulipas... que homem!.. e que

marido! (para Gustavo) ² Sim senhor eu não des-
gosto... e o senhor é da minha opinião.

Gustavo (levanta-se rapidamente)
O que vem aqui fazer?

² Ignacio
Eu nada... andava passeando... vendo as flores...

Gustavo
O senhor Ignacio... tem duas orelhas...

Ignacio
Sim senhor.

Gustavo
Tais bem, previno-o que se disser uma única pa-
lavra que offenda esta senhora, corto-lhas.

Ignacio (tapando as orelhas)
Ai! Jesus! (malo baixo) Estou no meu posto.

Gustavo (como consigo)
Como eu te amo Suranna!

Ignacio (à parte, ouvindo o que
Gustavo disse) Então querem-n'o mais claro?...?

Gustavo
O que é?

Ignacio (muito depressa)
Não é nada. (à parte) Eu fallo, isto não tem gei-
to. (alto) Senhor, eu vou fallar... fico sem este pre-
cioso ornamento do genero humano, mas é o mesmo,
... estou no meu posto... tenho idéas... preciso fallar
... e vou fallar!

Gustavo
De Suranna?

Ignacio

Não senhor... (meio desconfiado) de seu tio.

Gustavo

O meu tio!

Ignacio

De seu pobre tio... querem roubar-lhe a esposa...
e elle não era capaz de o fazer... acho muito mal
feito... É da sua parte... É quasi seu filho...

Gustavo (acabrunhado)

Senhor parão.

Ignacio (à parte)

Ganhei. (alto) Veja senhor... quer deshonrar uns
cabellos brancos...? (quasi chorando) Veja o que faz
meu ex-inquilino d'uma cara de que eu tive a
chave.... Eu velo sobre o seu tio... é tempo ainda
... remedie este mal!

Gustavo

Obrigado Ignacio, - veio recordar-me um dever
... Não devo ficar aqui, seria infame!!

Ignacio (contente)

Bravo! - vai-se embora?

Gustavo

Hoje mesmo... Immediatamente! (com sigilo)
E meu filho... é preciso resignação... tel'a-ei.
(senta-se e escreve) 2

1 Ignacio

Bravissimo!... uma carta... e vai-se embora
... gosto do rapaz... Escreve a ^{sua} tia?

2 Gustavo

Não... a meu tio... duas palavras, unicamente,
agradecer-lhe a sua extrema bondade... e di-
zer-lhe que a minha resolução é irrevogavel.

Ignacio

Bravo! vai-se embora... mas deve ser já, não pensar muito (à parte) Eu tremo que elle fique.

Gustavo (um pouco commovido, levantando-se) Esta Carta...

Ignacio (pegando na Carta muito depressa) Eu a entrego, eu a entrego.

Gustavo (comigo)
Seja! soffro... mas serei um homem honrado! (sabe) EN

— Scena IIIª
Ignacio e Calvino.

Ignacio
Vai-te, estou contente! este cargo é devido á minha pessoa!

Calvino (ao fundo com uma tulipa na mão) Que linda tulipa!

Ignacio (à parte)
Que jardineiro!... (alto) Senhor... Atracta das tulipas... e em cara tem um vidão!

Calvino.
Ora tu não acabarás com os enigmas?...

Ignacio
Acabaram... agora canto victoria!

Calvino
Victoria!

Ignacio
Eu era um imbecil...

Calvino
Não digo que não.

Ignacio
Fois saber que os surprehendi... aqui... agora
mesmo... juntos!... O senhor no jardim e a
sentinella a velar.

Calvino
Sim!... Então que queres que eu faça?

Ignacio
Que queres que eu faça!!! O senhor não
está em si.

Calvino (sério)
Ignacio!

Ignacio
Socegue... eu apresento provas escriptas. (dá-lhe a carta)

Calvino
Uma carta... de quem?

Ignacio
De meu Sobrinho... Foi-se.

Calvino
Foi-se!... para onde?

Ignacio
Eu sei cá, elle não me disse nada.

Calvino (depois de ler)
Não ha de partir... hade ficar. (chamando)
Suranna, Suranna!!

Ignacio
Que diabo faz elle!...

Calvino
Não posso consentir... não quero... Suranna, Su

Anna....

Ignacio
Isso não se acredita.

Calvino
Suzanna, Suzanna! (sabe depressa) *EB*

Ignacio (seguindo-o)
Senhor tenha prudencia, deixe sair quem
sabe!... *EB*

————— Scena 12.ª —————

Gustavo só. *EB*
Cumprirei o meu dever... tenho coragem
para isso... Adeus filho... vou perm-te abra-
çar... Cumpra-se o destino! Perdão-me
Margarida. Aqui passei a minha in-
fancia, tu meu filho passarás a tua...
Adeus para sempre!... (vai a sair vê Suzan-
na, à parte) Meu Deus! Suzanna!

————— Scena 13.ª —————
Gustavo e Suzanna *AB*

2 Suzanna (com a Carta na mão)
Sei tudo Senhor: - não partirá.

Gustavo
É preciso, Suzanna, é preciso que eu parta

Suzanna
É preciso ouvir-me.

Gustavo
Não posso, sou bastante culpado... devo
ser punido, se me demoro... o castigo será
maior.

Suzanna

Explique-se Gustavo.

Gustavo
Quer conhecer um segredo, que eu mesmo
queria ignorar?

Suzanna
Um segredo! sou muito curiosa... diga,
diga!

Gustavo
Quer uma confissão?

Suzanna
Quero.

Gustavo.

Suzanna! compadeça-se de mim porque
sou um desgraçado... tenho verdadeiro ar-
rependimento do que fiz... porém conservava
da Senhora uma terna e poetica lem-
brança... encontrando-a aqui... mais bella
mais formosa ainda... e mais adoravel...
não pude dizer ao meu coração que se callas-
se!...

Suzanna

É esse o grande segredo... ter amizade...?
um sobrinho não pôde estimar sua tia?

Gustavo

É essa palavra que faz a minha desgraça.

Suzanna

Porque?

Gustavo

Tenha compaixão de mim... não vê que a
minha razão se perde, quer enlouquecer-me?
Não evite a minha partida, porque então
serei mais criminoso

Suzanna

Jesus! tenho medo do Senhor!

Gustavo.

Não é amizade de Sobrinho que sinto pela Senhora, é o amor do amante mais apaixonado! Quir uma confissão, obdeci: É urgente que parta para longe, porque não quero alimentar um amor miseravel, que me deshonra, que pôde deshonrar o meu protector, o meu amparo que tem sido. Ficando aqui mais tempo, conheço que não tenho força p.^a occultar o que sinto.... Suzanna, tenha piedade de mim.... (caindo de joelhos) Eu amo-a... amo-a muito.

Suzanna (tremula pondo-lhe a mão na bocca) Gustavo.

— Scena 11.^a —

Os mesmos e Ignacio conduzindo
Calvino

2 Ignacio
Oh! lá!!... (p.^a Calvino) Que lindo quadro

1 Calvino
É muito ao vivo.

4 Gustavo (à parte)
Meu tio! (Suzanna corre a Calvino)

Calvino
Deixe-me Senhora.

Gustavo (à parte)
Que fui eu fazer?!

3 Calvino
Senhor, meu Sobrinho, o que acaba de praticar....

Gustavo.

Meu tio... expulsa-me de sua casa...
como um miseravel, e ingrato que sou...
eu mereço tudo.

1 Ignacio (à parte)
Bôa saída. Está salva, ganhei. —

3 Calvino

Diga a verdade, — ama sua tia? (Gustavo
faz um movimento para fallar) Cade-se.
E a senhora ama seu Sobrinho?

2 Suranna

Não o posso negar.

Ignacio (à parte)

Ela confessa... que horror!!

Calvino

Muito bem, não ha duvida que se amam
... e por consequencia....

Escuela Superior de Teatro e Cinema
Ignacio

Agora, Agora, ... Guente, Guente....

Calvino (mudando de tom
completamente) Gosto disso, meu rapaz, dou-
ta, é tua.

Ignacio

Hein?

Gustavo

O que diz meu tio?!

Ignacio (à parte)

Elle está doido! (alto) Então o Senhor
dá sua mulher?

Calvino

Não, imbecil, dou-lhe um thesouro que

33
elle já tinha recusado: fix acreditar que
era minha mulher, para assim a livrar
d'este mundo tão máo... entregot'a pura
e innocente como os anjos, será digno
d'ella? 2

Suranna!

1 Gustavo.

1 Ignacio (á parte)
Sou um grande parvo.

Gustavo
Será isto um sonho?!

3 Suranna.
Não é.

2 Calvino.
fulgo que não.
Ignacio
Estamos todos acordados.

Calvino
O meu sonho, é que vai agora realizar-
se, tenho uma familia, e vou ter muí-
tos Sobrinhos para brincar, cantar, e rir.

Suranna (lançando-se-lhe
ao peccoreo)
Meu Pai! 4

2 Gustavo
Meu tio, o meu reconhecimento será
eterno.

3 Calvino (abracando-os)
Estou contente. (a Ignacio) O que
diz a isto a sentinella de minha mu-
lher?

Ignacio

Que V. Ex.^a tem muito mais juizo do
que eu, porque achou o meio de concili-
liar tudo... sem se carar, mas eu cum-
pri a minha missão. e juro de nunca
mais tornar a ser sentinella de mulheres.

Fin

Nesta nossa milicia d'artistas
(Que se quer voluntarios soamente)
Tere agora passagem de corpo
Esta praça que tendes presente.

Se foi soldado estimado
Lá na outra companhia
Tambem cá dos superiores (*Indica o Publico*)
Gade ter a sympathia:
Começou por sentinella
Porém não é tarimbeiro
Esta praça aonde a vêdes
Pretende ser brigadeiro.

Pra seu denodo
Ir conhecendo
Se fosse a nós
Co'as mãos batendo
Uma descarga
Imitaria
Que era p'ra ver
Se elle fugia!

[Signature]

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema